

MAPA DE ATIVIDADES AULA 6 (06/02/2020) – 120 min				
Duração da atividade/Tempo no vídeo	Atividade desenvolvida	Principais temas	Ações dos participantes	Comentários
<p>Duração: 01:15:30</p> <p>Tempo no vídeo: 00:00:00 - 01:15:30</p>	<p>No primeiro momento, professora inicia aula expositiva dialogada sobre a divulgação e consolidação das ideias do darwinismo social no Brasil, seus estudos e políticas (de Cesare Lombroso a Nina Rodrigues, passando por Juliano Moreira e Manoel Querino) e relações com o pensamento de CR.</p> <p>Na aula expositiva a professora aborda ainda a questão do mito da boa mãe de família burguesa. As medidas higienistas adotadas no Brasil baseadas na ciência que vinha da Europa (principalmente França). Bem como o pensamento de intelectuais brasileiros da época como Miranda de Azevedo e Tito Lívio de Castro.</p>	<p>Chegada do darwinismo no Brasil/vulgarizações e conferências públicas</p> <p>Darwinismo social no Brasil e seus personagens</p> <p>Raça e racismo em Clémence Royer e no Brasil</p> <p>Racismo científico</p> <p>Miscigenação/degenerescência</p>	<p>Estudante pergunta se ainda vai falar sobre CR? Após questionada, aluna responde que acha que esse assunto “já deu”. Professora pergunta então se pode falar dela no contexto do Brasil. Aluna concorda.</p> <p>Professora explica brevemente como funcionará a dinâmica da aula. Em seguida, inicia o debate perguntando sobre que relações eles fazem com tudo isso que vimos até agora (discurso de CR por exemplo) com a realidade do Brasil.</p> <p>Professora relembra os conceitos de racismo e racismo, eugenia e suas relações com o darwinismo e pensamento de CR.</p>	<p>Aluna pergunta sobre o termo “vulgarização”.</p> <p>Estudantes atentos, mas pouco participativos.</p> <p>Alguns estudantes demonstram comportamento de desconforto quando a professora aborda o tema da escravidão e do status dos escravizados. No entanto, ninguém fala nada.</p> <p>Professora cita a hipótese de que Miranda de Azevedo tenha lido a versão em francês do ODE. Portanto, com as ideias de CR.</p> <p>Professora reforça mais uma vez sobre o caráter pioneiro de CR em disponibilizar o acesso a educação às mulheres.</p>

	<p>Pep. 14 – “<i>Eu quero receber elogio como uma mulher, não como um homem</i>” (00:50:21 – 00:51:50)</p> <p>Professora traz Juliano Moreira como um contraponto no pensamento hegemônico racialista e racista da época. Depois introduz o pensamento de Nina Rodrigues.</p> <p>Pep. 15– “<i>existe um perfil do criminoso?</i>” (01:08:17 – 01:13:20)</p>		<p>Professora considera o caráter lamarckista (transformista) de Tito Lívio de Castro. E aluna correlaciona com o pensamento de CR.</p> <p>Professora foca em Nina Rodrigues e suas teorias da miscigenação e degenerescência racial, traçando um paralelo com CR.</p> <p>Poucos estudantes interagem na discussão sobre o “perfil do criminoso”.</p>	<p>Cita o “buquê de flores”/crítica feminista a ciência.</p> <p>Professora traz referências no assunto como Lilian Schwarcz e Juanma Arteaga.</p> <p>Pouca participação dos estudantes.</p> <p>Professora traz exemplos atuais para ilustrar a permanência de certas práticas racistas ao longo dos anos.</p>
<p>Duração: 18min20</p> <p>Tempo no vídeo: 01:15:30 – 01:32:50</p>	<p>Introdução e discussão do conceito de alterização a partir de relato pessoal feito por uma aluna.</p> <p>Pep. 16 – “<i>O que é uma pessoa estranha?</i>” (01:15:30 – 01:28:40)</p>	<p>Alterização</p> <p>Padrões impostos pela sociedade</p> <p>Impactos do racismo na vida das pessoas negras</p> <p>Relações inter-raciais</p> <p>Marcadores de identidade/interseccionalidade</p>	<p>Estudante traz o termo “pessoa estranha” em seu relato. Professora usa esse relato para falar sobre alterização.</p> <p>Estudantes relatam o papel da mídia na manutenção destes padrões.</p> <p>Estudantes chegam a conclusão que “ser negro,</p>	<p>Estudantes participam mais deste debate. Citam e debatem o filme “Corra!”</p>

			<p>nesta sociedade, é ser estranho”. E citam outros marcadores identitários que cruzam os sujeitos que fazem com que fiquem ainda mais a margem do “padrão”.</p>	
<p>Duração:</p> <p>Tempo no vídeo: 01:32:50</p> <p>-</p>	<p>Professora usa o debate anterior para introduzir o tema da educação anti-opressiva.</p> <p>Professora elenca Raça, gênero e classe como as principais opressões em nossa sociedade.</p> <p>Pep. 17 – “<i>Classe é principal?</i>” (01:39:37 – 01:43:31)</p> <p>Professora pergunta: “Qual é o papel da biologia numa educação anti-opressiva?” para discussão sobre o conceito e pressupostos da educação anti-opressiva.</p>	<p>Educação anti-opressiva</p> <p>Opressões estruturantes em nossa sociedade</p> <p>Papel e importância da biologia/professor(a) de biologia nesse contexto</p>	<p>Professora cita o conceito elaborado por Kevin Kumashiro.</p> <p>Professora cita como principais opressões em nossa sociedade (as mais estruturantes), raça, gênero e classe. Alunos demonstram concordância.</p> <p>Fala pontua o fato de que “a biologia é a grande construtora de outros” através da ação de homens branco, cis, hétero, com o intuito de promover a manutenção de seus privilégios e espaços de poder.</p> <p>Estudante fala: “se a biologia fez pelo mal agora ela pode fazer pelo</p>	<p>Alunos pouco participativos. Alguns se retiram da aula mais cedo.</p> <p>Professora traz a questão dos corpos ilustrados nos livros didáticos.</p> <p>Professora entrega o roteiro sobre educação anti-opressiva para a próxima aula.</p>

			bem também” (01:46:00)	
--	--	--	------------------------	--